

A ética no estalido do universo do discurso

O desdobramento atual do desejo do analista descarta a pulsão genital, de acordo com a lógica estabelecida por Lacan. Para utilizar somente uma citação da sessão de 16 de janeiro de 1957, do seminário *As relações de objeto e as estruturas freudianas*, a direção da cura consiste em reduzir as pulsões parciais para unificá-las na pulsão genital, como a pulsão ideal.

O motivo que propicia a lógica de Lacan se baseia em não considerar o Ideal do Eu proposto como eixo superior da pulsão genital, alcançado pela psicanálise, que poderia, inclusive, propor diferenças de classe. Por exemplo, como aceitar que o *Homem dos lobos* tivesse atração pelas serventes?

Freud, em 1912, publica *Sobre a mais comum depreciação da vida amorosa*, anunciando duas correntes para o desenvolvimento da libido do ser falante, uma afetuosa e a outra sensual, cuja união é o único que assegura uma conduta amorosa plenamente normal.

Durante o período de desenvolvimento pós-freudiano, a função do *Ideal do Eu* fica consolidada no Um unificante da pulsão genital, sendo objetivo da análise a sua consumação *hetero*, para que desapareça a neurose.

Lacan avança em um além do princípio do prazer, introduzindo através da repetição, a estrutura da linguagem no ser falante que concebe o algoritmo $\$ \diamond a$ como fantasma.

Esse *Mais-um* que pode e não pode ser contado, na segunda sessão do seminário *Lógica do fantasma* com data de 23 de novembro de 1966, Lacan descarta porque não é possível uma união amorosa plenamente normal, com a união do afetuoso e o sensual. A causa é o *objeto a*.

Lacan, assim se expressa: “c’est ça qui constitue ce manque auquel il s’agit que nous donnions la fonction logique, celui qui fait précisément éclater ce qu’il en est de l’univers du discours”. O *estalido do universo do discurso* faz com que seja impossível para um sujeito ligado com a letra como matema da álgebra, o *objeto a*, ligar as duas correntes freudianas da libido.

O *objeto* a causa do mais desprezível da degradação a uma posição distanciada do *Ideal do Eu*, oferecendo a opacidade do sintoma como eixo de uma desarmonia no laço social quanto à sexualidade do analisante.

O fim da análise propõe outra dimensão, para a sexualidade do ser falante a partir da consideração do *estalido do universo do discurso*, que mantém a desarmonia, entre um autoerotismo que não é possível perder porque a lógica implica em um *não-todo* e a sexualidade desenvolvida na sua máxima potência pela ação do S (\mathcal{A}).

Esse *estalido* é descrito também no Seminário 16 *De um outro ao outro* na sessão de 19 de março de 1969. A pulsão que percorre o traço do Outro para um sujeito em transferência, ao outro como partenaire, se desliga da unificação porque sempre é em menos, por um autoerotismo que sempre resiste e é causa de chiste, dando pé à existência do inconsciente.

Desde o tempo lógico do “*Estádio do Espelho*” é possível encontrar a impossível união do Um do corpo, ainda que a ilusão do *assentimento* do partenaire como outro, oferece ao *infans* um momento de júbilo supondo a existência.

O seminário *A Angústia* nos mostra outra vertente na consideração do *Estádio do Espelho*, já que é necessário considerar que nunca o *i(a) real* faz o Um com o *i'(a) virtual*. A imagem *i(a) real estala no universo do discurso* e a consequência na direção da cura concerne ao efeito da perda no narcisismo secundário.

Seja o sexo que for o Supereu como retorno ao real do *i'(a) virtual*, diferenciado entre os sexos entre o ser negativo e o ter o falo como $-\phi$, faz diferença entre diferentes gozos ligados ao corpo. A perda do narcisismo está ligada com a análise do Supereu à letra quando se produz o encontro com o mais opaco do sintoma ligado a uma sexualidade sempre discordante para cada um no laço social.

Se por um lado Lacan se referiu sempre à libido masculina, através da *identificação histérica* o compromisso é ainda mais apropriado à mulher. Das mulheres ao homem, se produz este *estalido* que nos emparenta. Não é possível negar que alguma coisa *estoura* como saber absoluto na relação sexual fálica, levando em consideração a sua inexistência.

Que não exista relação sexual e o *estalido* consequente entre o autoerotismo de órgão e o encontro com a *significância* aportada pelo $S(\bar{A})$ determina uma nadificação mental no ser falante, em que a persistência da consumação unificante do Ideal do Eu faz existência. É preciso analisar no discurso um matema *fractal*, ou seja, o que não tem perímetro da virtualidade $i'(a)$ que retorna no gozo do corpo ligado ao Supereu, para aceitar um nada que persiste na relação sexual fálica.

A *palavra de almor* como alma do toro do seminário “*Mais ainda*”, *Encore*, se estabelece nesse nada, substituindo o aforismo anterior em que *só o amor produz o gozo condescender ao desejo*.

A direção da cura se orienta de forma a descartar primeiro o ontológico do final de uma causa. É a produção de um discurso que flui ligado ao *objeto a*, porque explode no Ideal. O *objeto a* persiste somente na causa do desejo suscetível de nadificação que coloca em questão a união do afetuoso com o sensual na forma Ideal. Porém, a produção do discurso ligado aos trajetos pulsionais faz da existência um *infinito* que produz uma *finitude* quando explode a suposição do saber transferencial.

Como é que aparece o falo imaginário? Para Lacan, o *representante-representativo* é o nó da pulsão como atrativo estranho. Tem um efeito inesperado do $S1$ no $S2$ no par ordenado: a aparição de um sujeito. A clínica psicanalítica prova com certificação que estão instaladas, onde o atrativo estranho traz uma ordem discordante no saber do $S2$.

Entre o $S1$ e o $S2$ do par ordenado, um sujeito do inconsciente potencializa o $-\varphi$, no momento que *estoura* a suposição de uma imagem *real* $i(a)$ amparada pelo sujeito barrado $\$$. *Estala* o $i(a)$ como atributo narcisista da necessidade sendo produto de uma cadeia significante. Que *estoure* significa o desaparecimento do $i'(a)$ permanecendo como $-\varphi$ se a interpretação analítica se incumbe do Supereu, impossível de desprender do todo numa análise.

O atrativo estranho é efeito do *estalido* e produz a passagem de $S1$ ao $S2$. O *estouro do universo do discurso* é uma perda porque *estoura* a imagem real do $i(a)$ associado ao Eu

ideal. Existe alguma coisa do narcisismo secundário que tem que se perder para todo sexo como *explosão do universo do discurso* com diferentes consequências.

A consequência do verbo *éclater* colocado em questão no *universo do discurso*, concerne à singularidade de cada língua. Em espanhol e em francês é diferente o verbo *estallar* do verbo *explotar*, *éclater* do verbo *exploser*.

O verbo *explotar* se dirige a um sujeito que recai em considerar os outros como coisas e com o consequente efeito de *mais-valia* quando o discurso tiver que assentar-se sobre o *mais de gozar* na produção.

Em inglês existe diferença entre os verbos *to blow up*, *to burst* ou *to break out*, e o verbo *to exploit*. Não considero que seja coincidência que, em 1966, ano do Seminário *A Lógica do Fantasma*, tenha sido filmado o inesquecível filme ítalo-britânico *Blow-up*, de Michelangelo Antonioni. Quero dizer que Antonioni não tinha, que eu saiba, entrado em contato com a produção de Lacan na lógica do estouro *do universo do discurso*.

Daniel Paola

(Escuela Freudiana de Buenos Aires)